
*A divisão da cidade dos trabalhadores: espaço urbano, imigração e anarquismo no entreguerras. Barcelona, 1914–1936**

José Luis Oyón**

Resumo: Barcelona foi a capital do anarquismo europeu durante o entreguerras. O objetivo deste artigo é revelar as características sociológicas e territoriais da radicalizada CNT (*Confederación Nacional del Trabajo*), a central sindical anarquista, que liderou a revolução do verão de 1936. A partir do exame do papel do espaço urbano como uma variável nos processos coletivos da classe trabalhadora, o artigo argumenta que o trabalhador sem qualificação recém-imigrado e as vizinhanças onde essas classes trabalhadoras eram dominantes foram protagonistas-chave do radicalismo revolucionário.

Abstract: Barcelona was the capital city of European anarchism during the interwar years. The aim of this article is to discover the sociological and territorial features of the radicalized CNT (a *Confederación Nacional del Trabajo*), the anarchist union, which generated the summer 1936 revolution. By looking at the role of urban space as a variable in the collective processes of the working class the article argues that the unskilled recent immigrant worker and the neighbourhoods where this working-class figure was dominant were the key protagonists of revolutionary radicalism.

O objetivo deste artigo é investigar o setor da classe trabalhadora que sustentou as atitudes políticas radicais dos convulsivos anos republicanos em Barcelona, especialmente as atitudes das tendências anarquistas-.¹ O intuito é determinar as características sociológicas e territoriais da radicalizada CNT (*Confederación Nacional del Trabajo*, a central sindical anarquista), que liderou a revolução de 1936 no início da Guerra Civil Espanhola (1936–1939). Muitos anos de pesquisa sobre uma cidade vital para as revoluções de trabalhadores do século XX e centenas de livros sobre a Guerra Civil Espanhola pouco fizeram para identificar os trabalhadores armados que tomaram as ruas para derrotar o golpe fascista. Não é sabido de onde esses trabalhadores vêm, qual era sua qualificação ou

* Tradução: Deivison Gonçalves Amaral. Revisão técnica: Paulo Fontes. Publicado originalmente em *Urban History*, 36, 1, 2009. Cambridge University Press. Tradução autorizada pelo autor.

** Professor do Departamento de Urbanismo da Universitat Politècnica de Catalunya, Escuela técnica Superior de Arquitectura del Vallés, Barcelona, Espanha.

¹ Este artigo é um pequeno resumo de um longo estudo da classe trabalhadora de Barcelona no entre-guerras. Referências detalhadas de seus vários aspectos são desenvolvidas extensivamente em J.L. Oyón, *La quiebra de la ciudad popular. Espacio urbano, inmigración y anarquismo en la Barcelona de entreguerras, 1914–1936* (Barcelona, 2008).

em que vizinhanças ou sob que condições eles viviam. O que é sabido é que a revolução que eles inesperadamente tiveram em suas mãos foi em grande medida uma empreitada anarquista. Assumiu-se que seus ambientes cotidianos eram “bairros de classes trabalhadoras”. Ao final, entretanto, o espaço urbano foi negligenciado nas análises sobre a classe trabalhadora revolucionária de Barcelona. Na verdade, a maioria dos historiadores do trabalho na Espanha também negligenciou o papel do espaço urbano como uma variável nos processos coletivos da classe trabalhadora, algo que torna tarefa especialmente difícil a comparação com outras cidades espanholas².

Recentemente, uma boa literatura acadêmica sobre o anarquismo da década de 1930 em diversas cidades espanholas, e especialmente em Barcelona, tem sido elaborada³.

² Existem, claro, vários capítulos sobre espaço e vida cotidiana de classes populares publicados em diversos trabalhos. Para grandes cidades no período de 1900–36 gostaria de mencionar: J. Alvarez Junco, *El emperador del Paralelo. Lerroux y la demagogia populista* (Madrid, 1990); S. Juliá, *Madrid, 1931–1934. De la fiesta popular a la lucha de clases* (Madrid, 1984); R. Reig, *Blasquistas y clericales. La lucha por la ciudad en la Valencia de 1900* (Valencia, 1986); M. González Portilla (ed.), *Los orígenes de una metrópoli industrial: la ría de Bilbao* (Bilbao, 2001); J.L. García Delgado (ed.), *Las ciudades en la modernización de España. Los decenios interseculares* (Madrid, 1992); C. Arenas, *La Sevilla inerme* (Ecija, 1992); Sevilla y el Estado (1892–1923) (Seville, 1995); L. Castells (ed.), *El rumor de lo cotidiano, Estudios sobre el País Vasco Contemporáneo* (Bilbao, 1999). Para uma visão geral da história da classe trabalhadora espanhola, ver A. Barrio Alonso, ‘Historia obrera en los noventa: tradición y modernidad’, *Historia Social*, 37 (2000), 143–60. Sobre as relações entre história urbana e história da classe trabalhadora, ver J.L. Oyón, ‘Historia urbana e historia obrera: reflexiones sobre la vida obrera y su inscripción en el espacio urbano, 1900–1950’, *Historia Contemporánea*, 24, 1 (2002), 11–58. Sobre a progressiva abertura da história da classe trabalhadora tradicional para a história urbana e as questões espaciais, ver: I. Katznelson, *City Trenches: Urban Politics and the Patterning of Class in the United States* (New York, 1981); I. Katznelson, *Marxism and the City* (Oxford, 1992); I. Katznelson and A.R. Zolberg (eds.), *Working-Class Formation: Nineteenth-Century Patterns in Western Europe and the United States* (Princeton, 1986). Ver também J.E. Cronin, ‘Labor insurgency and class formation: comparative perspectives on the crisis of 1917–1920 in Europe’, in J.E. Cronin and C. Siriani (eds.), *Work, Community and Power. The Experience of Labor in Europe and America, 1900–1925* (Philadelphia, 1983); Y. Lequin (ed.), ‘Ouvriers dans la ville’, *Le Mouvement Social*, Special Issue 118 (1982); S. Magri and C.H. Topalov (eds.), *Villes ouvrières, 1900–1950* (Paris, 1989); M. Savage, ‘Urban history and social class: two paradigms’, *Urban History*, 20 (1993), 61–77; M. Savage and A. Miles, *The Remaking of the English Working Class 1840–1940* (London, 1994); E. Faue (ed.), ‘The working classes and urban public space’, Special Issue, *Social Science History*, 24 (2000); ‘Working class suburbanization’, Special Issue, *International Labor and Working-Class History*, 64 (2003). A literatura sobre história urbana focando mais ou menos especificamente a classe trabalhadora é extensa. Gostaria de mencionar especificamente: O. Zunz, *The Changing Face of Inequality: Urbanization, Industrial Development and Immigrants in Detroit, 1880–1920* (Chicago, 1982); R. Dennis, *English Industrial Cities of the Nineteenth Century: A Social Geography* (Cambridge, 1984); M. Gribaudo, *Mondo operaio e mito operaio. Spazi e percorsi sociali a Torino nel primo Novecento* (Turin, 1987); J.-L. Pinol, *Les mobilités de la grande ville, Lyon (fin XIXe – début XXe siècle)* (Paris, 1991); A. Davies, *Leisure, Gender and Poverty: Working-class Culture in Salford and Manchester, 1900–1939* (Buckingham, 1992); R. Harris, *Unplanned Suburbs. Toronto’s American Tragedy, 1900–1950* (Baltimore, 1996); R. Lewis, *Manufacturing Montreal: The Making of an Industrial Landscape* (Baltimore, 2000).

³ A. Barrio Alonso, *Anarquismo y anarcosindicalismo en Asturias, 1890–1936* (Madrid, 1988); J.M. Macarro, *Sevilla la roja* (Brenes, 1989); Juliá, *Madrid, 1931–1934*; E. Montañés, *Anarcosindicalismo y cambio político. Zaragoza, 1930–1936* (Zaragoza, 1989); J.I. Bueno, *Zaragoza, 1917–1936: de la movilización popular y obrera a la reacción conservadora* (Zaragoza, 2000); F.J. Navarro, *Ateneos y grupos ácratas. Vida y actividad cultural de las asociaciones anarquistas valencianas durante la Segunda República* (Valencia, 2002). Para Barcelona, ver: C. Boix and M. Vilanova, ‘La participación electoral en Barcelona entre 1934 y 1936’, *Historia y Fuente Oral*, 7 (1992), 47–84; M. Vilanova, *Les majories invisibles* (Barcelona, 1995); A. Monjo, *Militants. Participació i*

Todavia, o foco na cidade, ou seja, a localização na cidade das atitudes políticas dos trabalhadores e dos sindicatos, continua ausente. Somente o trabalho de dois historiadores britânicos, Rider e Ealham, além de um congresso recente e um atlas começaram a fazer alguns avanços significativos sobre o assunto em Barcelona⁴. Um aspecto crucial envolve a imigração. A figura do imigrante anarquista radical não catalão foi uma representação racista difundida por parte da imprensa catalã nos anos 1930. O historiador Vicens Vives, o pai da historiografia catalã moderna, referiu-se à figura do imigrante anarquista como o “estrangeiro, elemento socialmente irresponsável” que atizou fogo na classe trabalhadora de Barcelona do final do século XIX. Os historiadores recentemente afastaram-se dessas visões dos trabalhadores e examinaram os imigrantes da CNT de forma mais equilibrada. Trabalhadores anarquistas eram catalães e não catalães e é difícil estabelecer qualquer fator imigratório na radical CNT da década de 1930. Contudo, até agora essa visão não foi fundamentada em um estudo demográfico aprofundado sobre a filiação sindical e militância⁵, e este artigo também procura elucidar essa questão.

A EXPLOSÃO URBANA DO ENTREGUERRAS

A fim de contextualizar a classe trabalhadora na Barcelona revolucionária, a primeira coisa a ser dita é que a cidade da década de 1930 era realmente muito diferente daquela do início do século. Barcelona, que já era uma grande cidade antes da Primeira Grande Guerra, tornou-se uma autêntica metrópole em 1930. Durante o período entreguerras a cidade adquiriu uma real estrutura industrial, orientando-se para uma grande diversificação produtiva. O peso das indústrias de bens de consumo, que eram dominantes na cidade em 1900, diminuiu em relação aos bens de capital e outras indústrias intermediárias de 1930. Em 1900, as manufaturas têxteis formavam o setor industrial mais destacado na estrutura de emprego da cidade. Em conjunto, as indústrias de têxteis, couro, papel, artes gráficas e alimentos quadruplicaram o emprego nas indústrias de metalurgia, química, construção e

democràcia a la CNT als anys trenta (Barcelona, 2003); E. Vega, *Entre revolució i reforma. La CNT a Catalunya (1930–1936)* (Lleida, 2004).

⁴ N. Rider, ‘Anarchism, urbanization, and social conflict in Barcelona, 1900–1932’, Lancaster University Ph.D. thesis, 1987; C. Ealham, *Class, Culture and Conflict in Barcelona, 1898–1937* (London and New York, 2005); see also A. Smith (ed.), *Red Barcelona, Social Protest and Labour Mobilization in the Twentieth Century* (London and New York, 2002); J.L. Oyón and J.J. Gallardo (eds.), *El cinturón rojinegro. Radicalismo cenetista y obrerismo en la periferia de Barcelona, 1918–1936* (Barcelona, 2004); M. Vilanova and R. Grau, *Atlas electoral de la Segona República a Catalunya, vol. II: Barcelona ciutat* (Barcelona, 2006).

⁵ J. Vicens Vives, *Industrials i polítics* (Barcelona, 1958), 163–6, 165; critical comments by A. García Bala ña, ‘Sobre la “constitució del proletariat” a la Catalunya cotonera. Una crònica de la formació dels llenguatges de classe a peu de fàbrica (1840–1890)’, in J.M. Fradera and E. Ucelay-Da Cal, *Notícia nova de Catalunya* (Barcelona, 2005), 97–119, especialmente 97–102. Sobre essa discussão, ver A. Balcells (ed.), *El arraigo del anarquismo en Cataluña (Textos de 1926–1932)* (Barcelona, 1973); J. Sabater, *Anarquisme i catalanisme: la CNT i el fet nacional català durant la Guerra Civil* (Barcelona, 1986). Como um exemplo da visão moderna, ver E. Vega, ‘Radicals i moderats a Barcelona i el seu entorn: una reflexió sobre les seves causes’, in Oyón and Gallardo (eds.), *El cinturón rojinegro*.

madeira. Em 1930, todavia, o quociente entre esses dois grupos da indústria era completamente equilibrado⁶. Barcelona consolidou-se como uma cidade de classe trabalhadora industrial. A população trabalhadora provavelmente dobrou entre 1905 e 1930. Segundo Pere Gabriel, os anos de expansão durante a Primeira Grande Guerra foram o principal período de crescimento. Segundo o censo, em 1930, dois a cada três chefes de família eram trabalhadores manuais. A diversificação da população trabalhadora foi outra mudança inegável. Em 1930, 32,3% da população trabalhadora total estava empregada na metalurgia ou construção, ultrapassando pela primeira vez a população empregada nas indústrias têxtil e de vestuário, que totalizava 30%⁷.

O crescimento urbano no entreguerras foi realmente explosivo. Barcelona, com 600.000 habitantes no início da Primeira Grande Guerra, atingiu a cifra de 1 milhão de habitantes em 1930 e 1.062.157 no início da Guerra Civil (1936). Consequentemente, a população urbana quase dobrou nesse curto período. A população da grande Barcelona, que representava 30% da população catalã em 1910, cresceu para 40% em 1936. A taxa de crescimento anual da população na década de 1920 foi de fato a maior desde a metade do século XIX, e o crescimento nas municipalidades suburbanas foi ainda maior. As ondas migratórias nas décadas de 1910 e 1920 foram quase a causa única do crescimento demográfico graças à fraqueza do crescimento natural de Barcelona⁸. Após as chegadas maciças de migrantes nos anos da Primeira Grande Guerra, houve outra onda ainda mais significativa na década de 1920, composta não só por catalães, valencianos e aragoneses, mas também por pessoas de Murcia e Andaluzia. O volume do crescimento econômico catalão veio da crescente demanda por habitação e serviços para essa nova população de Barcelona. O incremento do poder aquisitivo da população trabalhadora, cuja maioria vivia na área urbana, também teve um efeito multiplicador⁹.

Por seu turno, a paisagem urbana também mudou substancialmente. A construção de habitações alcançou patamares anteriormente desconhecidos, que eram maiores que

⁶ C. Massana, *Indústria, ciutat i propietat. Política económica i propietat urbana a l'àrea de Barcelona (1901–1939)* (Barcelona, 1985), cap. 2, 64–5; J. Nadal and X. Tafunell, *Sant Martí de Provençals: pulmó industrial de Barcelona, 1847–1992* (Barcelona, 1992), 139–207, 273–4, 282–9; C. Sudrià, '1914–1936. L'economia catalana en els anys d'entreguerres: consolidació industrial i diversificació productiva', in *Història econòmica de la Catalunya contemporània*, vol. IV: *Una societat plenament industrial* (Barcelona, 1988), 25–97, 85.

⁷ P. Gabriel, 'La població obrera catalana. Una població industrial', *Estudios de Historia Social*, 32–3 (1985), 191–260, 234. Ver também 'Censo obrero de 1905', *Anuario Estadístico de la Ciudad de Barcelona, 1905*; percentage of working families in the city: J.L.Oyón, J.Maldonado e E. Griful, *Barcelona, 1930: un atlas social* (Barcelona, 2001), ch. 1; este estudo e o resto das referências a 1930 são baseadas em uma amostragem de 5% dos censo de 1930 (padrón), *Archivo Administrativo Ayuntamiento de Barcelona (AAAB)*.

⁸ Ayuntamiento de Barcelona, 'L'obra constructiva de l'Ajuntament. Memòria relativa a la formació del Padró d'habitants del terme municipal de Barcelona amb referència al 31 de desembre de 1930', *Gasetta Municipal de Barcelona (1930)*; M. Tatjer, 'Evolució demogràfica', in *Història de Barcelona*, vol. VII: *El segle XX* (Barcelona, 1995).

⁹ Sudrià, '1914–1936. L'economia catalana', 43–5; J. Maluquer de Motes, 'Precios, salarios y beneficios. La distribución funcional de la renta', em A. Carreras (ed.), *Estadísticas históricas de España, siglos XIX–XX* (Madrid, 1989), 495–532; P. Gabriel, 'Sous i cost de la vida a Catalunya a l'entorn dels anys de la Primera Guerra Mundial', *Recerques*, 20 (1988), 61–91.

aqueles do crescimento industrial. A extraordinária atividade desse setor de mão de obra intensiva teve efeitos de longo alcance sobre toda uma série de outros subsetores, como a construção civil e a metalurgia, que eram típicas do processo de diversificação naqueles anos. O crescimento da demanda gerada pela explosão urbana também afetou o serviço público. A Câmara Municipal foi a principal responsável pelo crescimento nos gastos públicos na Catalunha no entreguerras¹⁰. Novos serviços públicos reorganizaram o espaço urbano interno com o intento de adaptar a cidade ao novo ciclo de expansão. Transformações ligadas à Exibição Internacional de 1929 foram inquestionavelmente a primeira causa do aumento do investimento. O investimento privado na infraestrutura urbana também propiciou um salto qualitativo no período entreguerras. A mudança efetiva na construção de habitações em Barcelona ocorreu no fim da Primeira Grande Guerra, e desde aquele momento o crescimento tornou-se explosivo¹¹. O aumento nas construções de habitações em Barcelona no final da guerra é uma ilustração surpreendente da impressionante mudança no crescimento urbano, como pode ser visto na Figura 1. Ao passo que o número das construções aumentou somente 7% entre 1910 e 1920, o crescimento na década seguinte alcançou 32%¹². A média de autorizações de construção no período de 1917 a 1936 foi quatro vezes maior que a do período de 1897–1916. O impulso principal foi dado em um curto e intenso ciclo no início da década de 1920. O *boom* de habitações estava em perfeita correspondência com o ciclo de crescimento habitacional de muitas outras cidades espanholas e europeias no entreguerras. A diferença foi que o ciclo de construções do entreguerras foi mais significativo em Barcelona como resultado da polarização que ocorreu na cidade nas décadas iniciais do século. Guiados pelo *boom* migratório e por políticas públicas, o extraordinário desenvolvimento do setor de construções também estimulou outros subsetores industriais, como a produção de concreto, materiais de construção, construções de metal, a indústria madeireira e serralheria.

¹⁰ Gastos públicos em B Barcelona foram de 78,5 milhões de pesetas em 1914 para mais de 135 milhões em 1932; X. Tafunell, 'La construcció: una gran indústria i un gran negoci', em *Història econòmica de Catalunya*, s.XX, Segle XX, vol. VI: Indústria, finances i turisme (Barcelona, 1989), 211–24.

¹¹ A. Cordiviola, C. García, F.J. Monclús e J.L. Oyón, 'La formación de Nou Barris. Dinámica y explosión de la construcción residencial en la periferia barcelonesa, 1897–1935', em *III Congrés d'Història de Barcelona*, vol. II (Barcelona, 1993), 559–72; J.L. Oyón e C. García, 'Las segundas periferias, 1918–1936: una geografía preliminar', em J.L. Oyón (ed.), *Vida obrera en la Barcelona de entreguerras* (Barcelona, 1998), 47–83, 74; ver também: Massana, *Indústria, ciutat i propietat*; Tafunell, 'La construcció'; X. Tafunell, 'La construcció en Barcelona, 1860–1935: continuidad y cambio', in García Delgado (ed.), *Las ciudades en la modernización de España*, 3–20.

¹² Entre 1910 e 1915 o número de construções cresceu 1.5%; ver 'L'obra constructiva de l'Ajuntament'.

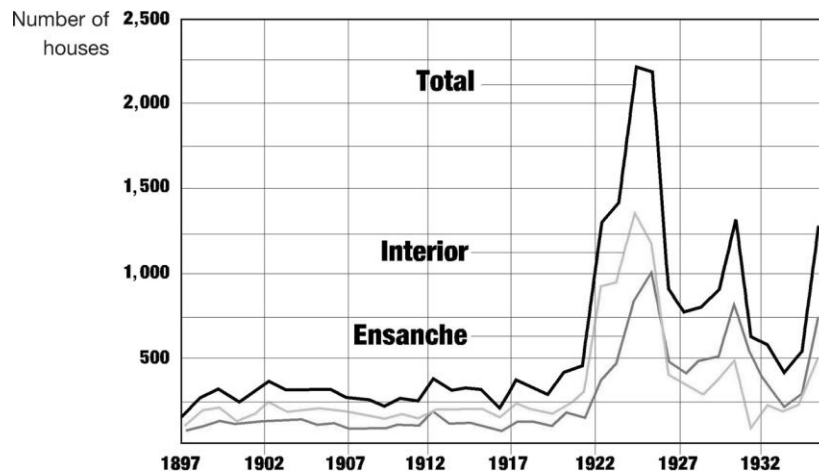


Figura 1: Construção de habitações em Barcelona, 1897–1935.
 Fonte: AAAB, permissões de construção.

O crescimento urbano não foi espacialmente homogêneo. O antigo centro histórico aumentou sua densidade para níveis de superpopulação anteriormente desconhecidos. Bairros como La Barceloneta, Santa Monica, Raval Central e Sant Pere-Santa Caterina alcançaram densidades de mais de 1.000 habitantes por hectare. O *Eixample* (áreas de classes médias ao lado do centro da cidade) e o anel suburbano, entretanto, foram os distritos mais afetados pelo *boom* de construções. Esses foram os anos de formação do que eu tenho chamado de “segundas periferias” e de um intenso crescimento das antigas periferias em *El Llano* (o anel de vilas industriais agregado à cidade em 1897). Até aquela época, o crescimento urbano ocorreu principalmente por extensão do plano de ruas existente. A partir de então, contudo, o crescimento foi mais descontínuo e fragmentado. A década de 1920 foi decisiva tanto do ponto de vista qualitativo quanto quantitativo. O grosso da ocupação de mais e mais locais periféricos por novos setores da classe trabalhadora ocorreu naqueles anos. Todas as novas periferias, que eram precariamente urbanizadas e frequentemente formadas por minúsculas casas de uma família e pequenos becos, constituíram os novos espaços de vivência dos trabalhadores. Consequentemente, o novo “nicho ecológico” dos trabalhadores que emergiu dessa maneira adicionou-se às antigas vilas industriais periféricas e aos densos bairros do centro antigo¹³.

UM MUNDO DIFERENCIADO INTERNAMENTE: OS “TIPOS” DA CLASSE TRABALHADORA

A classe trabalhadora de Barcelona foi um grupo muito consistente do ponto de vista sociológico. Socialmente imóveis, somente um em cada dez filhos de operários estava habilitado a progredir para postos de trabalho não manuais no entre-guerras. Na verdade, ultrapassar a fronteira para o status de *colarinho branco* significava a adoção de estilos de

¹³ Oyón and García, ‘Las segundas periferias’.

vida – envolvendo aspectos culturais, familiares e de habitação – que estavam mais próximos àqueles das classes médias que daqueles dos trabalhadores manuais¹⁴.

No mundo dos operários, no entanto, estilos de vida eram altamente segmentados pela qualificação e imigração. A classe trabalhadora de Barcelona era diferenciada internamente. Na verdade, a distinção pela qualificação era muito clara. A lacuna salarial entre trabalhadores qualificados (20% dos trabalhadores segundo o censo de 1930) e trabalhadores mal qualificados não mudou entre 1914 e 1930 (salários eram entre $\frac{1}{3}$ e $\frac{1}{2}$ maiores para trabalhadores qualificados). O aumento nos salários foi especialmente notável a partir do fim da Primeira Grande Guerra e durante o início da década de 1920, e mais uma vez – embora em menor grau – no período da República (1931–1936). Isso envolveu um inquestionável aumento nos salários reais, totalizando cerca de 40% sobre a média. Enquanto em 1914 somente os salários dos trabalhadores qualificados em poucos setores industriais poderiam cobrir as despesas familiares, a partir de 1936 essa foi a regra para toda força de trabalho qualificada. Contudo, para muitos trabalhadores sem qualificação isso era muito difícil¹⁵. Além disso, o desemprego na década de 1930, que afetou especialmente o setor de construção com seu grande número de trabalhadores sem qualificação (que eram os mais mal pagos e ocupavam lugares inferiores no mercado de trabalho), tornou impossível para muitos desses trabalhadores não qualificados (diaristas ou *jornaleros*) elevar os salários no ritmo dos mais qualificados. O número de trabalhadores não qualificados analfabetos era mais que o dobro do que o número de qualificados. Isso obstruiu os caminhos dos trabalhadores sem qualificação para salários maiores e bloqueou sua ascensão social, que era ainda mais inibida devido ao seu alto grau de endogamia. A análise dos registros de casamento mostra que somente um a cada cinco filhos de trabalhadores não qualificados poderia avançar além do limite imposto pela qualificação no período entreguerras. As taxas de coabitação não familiar, ou seja, a divisão de habitação entre famílias não ligadas por parentesco (sublocação), foram também 40% maiores em famílias com chefes *jornaleros*. Os índices de famílias com chefes *jornaleros* em favelas e outras formas de habitação baratas eram 58% maiores.¹⁶

A classe trabalhadora de Barcelona foi marcada pela migração: os chefes de três em cada quatro famílias de trabalhadores nasceram fora da cidade. Quanto mais recente era a

¹⁴ Dados da mobilidade social são baseados em uma amostragem de Registros de casamento em 1920 e 1934–35 pesquisados no Archivo del Registro Civil de Barcelona (ARCB). Sobre as características socioculturais das classes sociais de Barcelona, ver Oyón, Maldonado and Griful, Barcelona, 1930, cap. 1: este estudo e o resto das referências a 1930 são baseadas em uma amostragem de 5% do censo de 1930 (padrón).

¹⁵ Em oposição ao processo de nivelamento salarial proposto por Carles Enrech para o período de 1880–1914 em Indústria i ofici. Conflictes social i jerarquies obreres en la Catalunya tèxtil (1881–1923) (Bellaterra, 2005), as imagens do Ministério do Trabalho, Estadística de salarios y jornadas de trabajo referida al período 1914–1930 (Madrid, 1931), mostra uma completa estabilização da distância entre os salários dos trabalhadores qualificados e o dos sem qualificação de 1914 até 1930. Informações diversas sobre alguns aumentos salariais na década de 1930 podem ser vistas em cartões pessoais de trabalhadores das fábricas estudadas em meu trabalho e também em Vega, Entre revolució i reforma.

¹⁶ ARCB: amostragem de registros de casamento 1920, 1934–35; Oyón, La quiebra de la ciudad popular, cap. 4.

chegada do migrante à cidade, maior era a sua taxa de proletarização. Na verdade, renda, qualificação e migração estavam fortemente entrelaçadas na hierarquia social da cidade. Os catalães normalmente mantinham os empregos e ocupações de maior remuneração. Ademais, eles formavam as elites sociais e todas as classes de trabalhadores não manuais eram predominantemente catalães. Mas, embora totalizassem 60% dos artesãos e trabalhadores qualificados, eles formavam uma pequena minoria entre os trabalhadores sem qualificação. O oposto ocorria com a população nascida fora da Catalunha. Havia uma baixa proporção de não catalães na esfera das classes de trabalhadores não manuais. Os não catalães eram comumente empregados em trabalhos manuais que exigiam qualificação e, como mencionado, eles já ultrapassaram os catalães na esfera do trabalho não qualificado. Os migrantes vinham das regiões de Valência e Aragão, e após 1910 também da Murcia e Almeria (essas pessoas eram chamadas genericamente de *murcianos*), e, de fato, sua composição social como trabalhadores era muito mais clara. Os imigrantes valencianos e aragoneses compunham 28% da classe trabalhadora sem qualificação, enquanto os murcianos e almerianos representavam 16%. Três em cada quatro chefes de família murcianos e almerianos que viviam na cidade eram trabalhadores sem qualificação. De uma forma geral, um em cada três chefes de família sem qualificação em 1930 era um não-catalão que havia chegado à cidade após 1910¹⁷.

A predominância dos catalães no trabalho qualificado também se torna evidente na análise de fontes não censitárias. Dois em cada três trabalhadores qualificados que se casaram na cidade entre 1934 e 1935 nasceram na Catalunha. Contudo, uma amostragem dos metalúrgicos afiliados à CNT e à UGT (a socialista *Unión General de Trabajadores*) antes da Guerra Civil mostra que trabalhadores catalães representavam 70% do total de qualificados. A análise da força de trabalho da Maquinista Terrestre y Marítima (a maior companhia metalúrgica em Barcelona) mostra que a origem migrante, a qualificação e os salários são intimamente ligados, formando um tipo de estrutura de trabalho que pode também ser observada em outros setores industriais. Ao passo que os trabalhadores catalães, alfabetizados, mais qualificados e com melhores redes de amparo na cidade, tenderam a ocupar as camadas mais altas da pirâmide salarial, os trabalhadores sem qualificação e não catalães, especialmente os recém-chegados à cidade, tinham as ocupações mais baixas e mais instáveis¹⁸. O setor de construção apresenta o mesmo quadro. Se estudarmos os dados sindicais tanto por empresa quanto por distrito, dois em cada três pedreiros qualificados eram catalães. Por outro lado, catalães formaram a minoria entre os trabalhadores da construção civil, na qual a maioria esmagadora era de migrantes. Um importante setor no qual o índice de trabalhadores qualificados era muito alto e a alfabetização quase completa era o das artes gráficas. Dos trabalhadores qualificados no setor (tipógrafos, compositores, impressores, operadores de prensa, litógrafos, operadores

¹⁷ (AAAB), padrón de habitantes, 1930. Para um estudo sistemático da imigração no padrón de 1930, ver Oyón, Maldonado and Griful, Barcelona, 1930, cap. 2.

¹⁸ La Maquinista Terrestre y Marítima, Fichas de personal (cartões de registro dos trabalhadores).

de linotipo e gravadores), 76% eram nascidos na Catalunha. Entre os ofícios manuais ligados a pequenos negócios, as taxas de trabalhadores catalães alcançavam 80%, com completo nível de alfabetização. A única exceção era nas indústrias têxteis. Nelas, de acordo com o *padrón*, 72% das ocupações ligadas à manufatura têxtil (contramestres e fiscais, tintureiros e costureiros, tecelões, curtidores, fiandeiros) eram constituídas por trabalhadores nascidos na Catalunha. Uma estimativa mais completa utilizando os dados de filiação à CNT e à UGT de meados de 1936 em relação ao setor da água (ou seja, tintureiros, costureiros e outros trabalhadores têxteis que usam água) leva à mesma conclusão: o estudo desses trabalhadores afiliados no *padrón* mostra que 77% eram catalães¹⁹.

Havia ainda uma divisão na migração entre os trabalhadores sem qualificação. Na verdade, a distinção pela condição econômica, mobilidade social e estilo de vida entre os migrantes *jornaleros*, especialmente os do sudeste da Espanha, e os catalães *jornaleros* é muito aparente. Os dados do *padrón* de 1930 mostram distâncias evidentes entre os trabalhadores sem qualificação murcianos ou almerianos que chegaram à cidade a partir de 1910 e os trabalhadores catalães. As taxas de analfabetismo eram 70% maiores para os murcianos ou almerianos em relação aos catalães. O tamanho das famílias e o número de crianças eram, respectivamente, 37% e 71% maiores. Da mesma forma, os padrões de vida dos migrantes sem qualificação de Múrcia e Almería eram especialmente baixos em outros aspectos, como pobreza, saúde e mortalidade²⁰. A mobilidade ascendente para trabalhadores mais recentemente chegados era menos frequente que para os catalães. O estudo dos registros de casamento de 1934 a 1935 mostra que 40% dos filhos de trabalhadores catalães sem qualificação lograram ultrapassar a divisão criada pela qualificação no curso de uma geração. Um grupo de 10% foi capaz, inclusive, de sair da esfera do trabalho manual. O aumento das expectativas não era o mesmo para os filhos de trabalhadores *jornaleros* recém-migrados: apenas um em cada seis poderia conquistar um trabalho qualificado mais bem remunerado no curso de uma geração, o que é equivalente apenas à metade da expectativa dos filhos de trabalhadores *jornaleros* catalães²¹.

¹⁹ Oyón, *La quiebra de la ciudad popular*, cap. 2.

²⁰ O impacto da pobreza foi significativo. Durante a década de 1920, o número de famílias pobres de Murcia e Andaluzia registradas no Instituto Municipal de Demografia ultrapassou em alguns momentos o dos cinco maiores grupos de famílias nativas. O grupo de famílias pobres imigrantes valencianas-aragonesas era similar. Taxas de mortalidade eram maiores entre os operários, e especialmente altas entre os trabalhadores migrantes recém-chegados: as taxas de mortalidade entre os almerianos diaristas eram duas vezes maiores que aquelas das classes de trabalhadores não braçais. O impacto de doenças também era alto. Os números de doenças contagiosas tratadas no Hospital Municipal de Infecciosos mostram que em 1931 mais de 27% dos pacientes hospitalizados vinham das províncias de Murcia e Almería. As províncias catalãs, com uma população que era sete vezes maior, registraram apenas 30% mais pessoas doentes. Ver Oyón, Maldonado e Griful, Barcelona, 1930, cap. 4; 'Classificació de malalts assistits durant 1931', *Gasetamunicipal*, 1932. Estadística, Suplemento de la *Gaceta Municipal* (1927), 238, 440. Ver também Oyón, *La quiebra de la ciudad popular*, cap. 2.

²¹ ARCB, Registros de casamento, 1934–35. Conclusões similares podem ser retiradas da análise do censo de 1930. Em um estudo de amostragem dos dados do censo, percebemos que filhos e filhas de trabalhadores sem qualificação deixaram a escola mais cedo para se dedicar ao trabalho manual.

Em resumo, não era apenas mais comum encontrar catalães em empregos mais bem remunerados e ocupações que exigiam qualificação: a distinção como grupo sociológico em relação aos migrantes não catalães era também evidente. Dadas todas essas evidências, considerei três diferentes *tipos* do mundo da classe trabalhadora masculina de Barcelona com características socioculturais específicas: o artesão e o trabalhador qualificado, o trabalhador catalão sem qualificação e o trabalhador imigrante não catalão recém-chegado. A classe trabalhadora feminina é difícil de ser estudada, pois as fontes censitárias apenas ocasionalmente fornecem informações sobre seu trabalho.

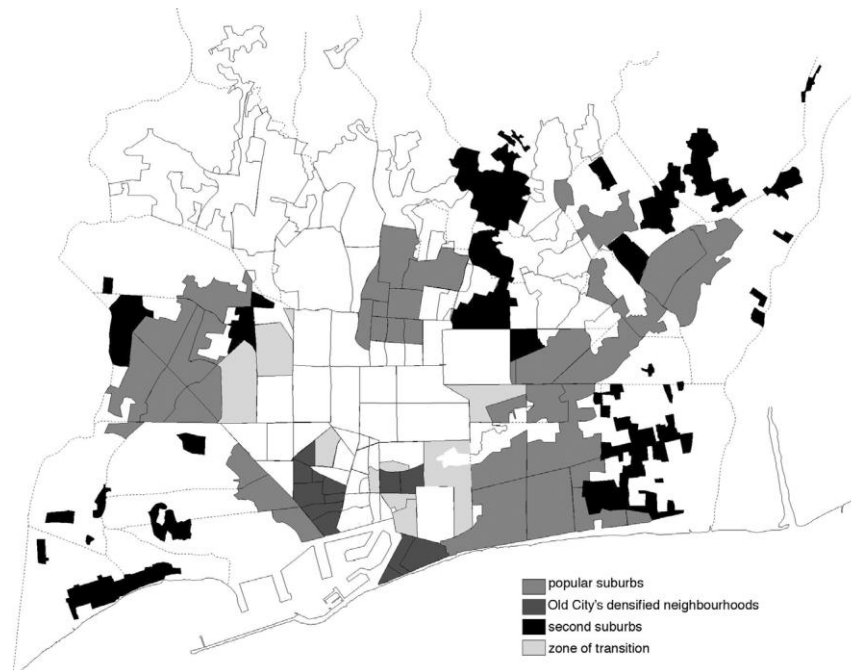


Figura 2: as três áreas da classe trabalhadora

A CIDADE COTIDIANA

Um estudo geográfico do *padrón* de 1930 mostra que havia três principais configurações espaciais nas quais estes *tipos* da classe trabalhadora revelavam-se na vida cotidiana. Essas três configurações englobaram 80% de todas as famílias da classe trabalhadora. A primeira e mais importante configuração, englobando 250.000 trabalhadores, foi aquela dos antigos subúrbios populares de trabalhadores de El Llano de Barcelona. Trabalhadores sem qualificação eram maioria aqui, muitos deles sendo antigos residentes da cidade, mas trabalhadores com qualificação também formaram um importante componente social. Mesmo trabalhadores em funções administrativas e pequenos comerciantes não eram incomuns. De fato, subúrbios populares eram na verdade 'pequenas cidades', formando uma combinação de camadas sociais populares, atividades de oficinas, fábricas e pequeno comércio, que foi bastante típico em muitos bairros populares no século XIX. A segunda configuração espacial foi a das vizinhanças superpovoadas do centro antigo. De várias maneiras eles compartilham as mesmas características de um

‘mistura popular’, mas a existência de precárias condições de habitação, imigração recente, famílias chefiadas por mulheres e antigas lojas e oficinas de artesãos deixou uma estrutura mais complexa. As segundas periferias foram a terceira configuração espacial. Essas eram espaços renovados nos limites da cidade. Imigrantes recém-chegados sem qualificação e condições de habitação precárias foram a tônica da região. A mistura popular tradicional das duas outras configurações espaciais foi aqui substituída por uma homogeneidade da classe trabalhadora mais evidente. As duas últimas configurações, que mostraram características populares similares, somam-se à mesma população de trabalhadores.

Os tipos e configurações espaciais da classe trabalhadora têm sido estudados em quatro campos principais da vida cotidiana: segregação residencial, habitação, mobilidade e sociabilidade. A segregação residencial entre pobres e ricos era bastante nítida. Ela teve crescimento entre 1900 e 1930. Havia uma grande oposição espacial entre os extremos sociais, isto é, os 20% formados pelas classes média e alta e os 50% formados por trabalhadores sem qualificação (índices de dissimilaridade $I_d = 59,40$)²². Em contraste com os trabalhadores não qualificados, os qualificados – formando 11% da população recenseada – eram muito mais ($I_d = 18,33$, índice de segregação $I_s = 13$). Trabalhadores qualificados eram bastante visíveis, por exemplo, nos distritos centrais na área rica de Eixample. A segregação espacial era particularmente evidente nos enclaves de imigrantes. Se os mais prósperos se distanciavam dos trabalhadores sem qualificação, dentro do mundo do trabalho havia uma segregação crucial, isto é, uma separação mais evidente de alguns trabalhadores sem qualificação e especialmente daqueles que tinham migrado recentemente, nos guetos proletários. Os mais marcantes índices de segregação e concentração foram aqueles dos murcianos ($I_s = 33$, quociente de localização = 3,3; 3,9) e dos migrantes andaluzes. A distância espacial entre esses dois grupos e os catalães era muito evidente ($I_d = 37,32$). Em nenhum outro lugar o isolamento dos bairros foi tão evidente quanto nas segundas periferias.

As três diferentes camadas do mercado de aluguel da classe trabalhadora coincidiram exatamente com as três diferentes configurações que defini anteriormente (ver figura 3). Quase todos os *barrios* ou vizinhanças de baixa renda, abaixo da linha das 45 *pesetas*, foram incluídos na camada inferior das segundas periferias. A camada média, entre 45 e 55,2 *pesetas* da média de aluguéis da classe trabalhadora de toda a cidade, delimitou precisamente os *barrios* densos de classe trabalhadora do centro antigo. A camada mais alta, acima da linha das 55,2 *pesetas*, concentrou-se principalmente nos subúrbios populares,

²² Os tratos do censo do *padrón* de 1930 (cerca de 11.000 habitantes) são seis vezes maiores que os ingleses do censo do século XIX e cinco vezes maiores que o dos americanos usados nos estudos de geografia histórica urbana. É por isso que os índices de segregação de 1930–40 em Barcelona podem ser considerados relativamente altos. O índice de segregação de trabalhadores sem qualificação em Barcelona, por exemplo, que era cerca de 30 para a população que representava 50% da população total, pode ser considerado muito substancial (distritos constantes no *padrón* podem ter sido desagregados se o tamanho da amostragem – 5% – fosse maior).

onde as condições de habitação eram mais variadas e os apartamentos geralmente maiores, com aluguéis mais caros e casas comparativamente mais bem mobiliadas. Nos pequenos apartamentos subdivididos do centro antigo e nas pequenas habitações para uma família das segundas periferias, a presença dos trabalhadores migrantes também foi dominante. Isso foi igualmente comum no decisivo mercado de sublocação. As diferenças entre chefes de família que eram trabalhadores diaristas catalães e os diaristas do sudeste da Espanha destacavam-se. Co-habitação, que afetou um em cada três chefes de famílias *jornaleros* catalães, foi a regra para sete em cada dez chefes de família *jornaleros* murcianos e almerianos. Dos primeiros, 14 %, e dos últimos, 40% dividiam habitações entre duas ou mais famílias sem nenhum parentesco. Justamente por isso, chefes de família diaristas murcianos e almerianos tinham duas vezes mais chances de viver em habitações mais precárias que valencianos e aragoneses, e quatro vezes mais chances que os catalães. Minhas próprias estimativas dos processos de despejo também estabelecem as várias imagens populares sobre níveis claramente diferenciados: 52 *pesetas* por mês era a média do aluguel para o trabalhador sem qualificação recém-imigrado, elevando-se para 64 *pesetas* para trabalhadores catalães sem qualificação, 71 *pesetas* para trabalhadores qualificados e 85 *pesetas* para trabalhadores da administração²³.

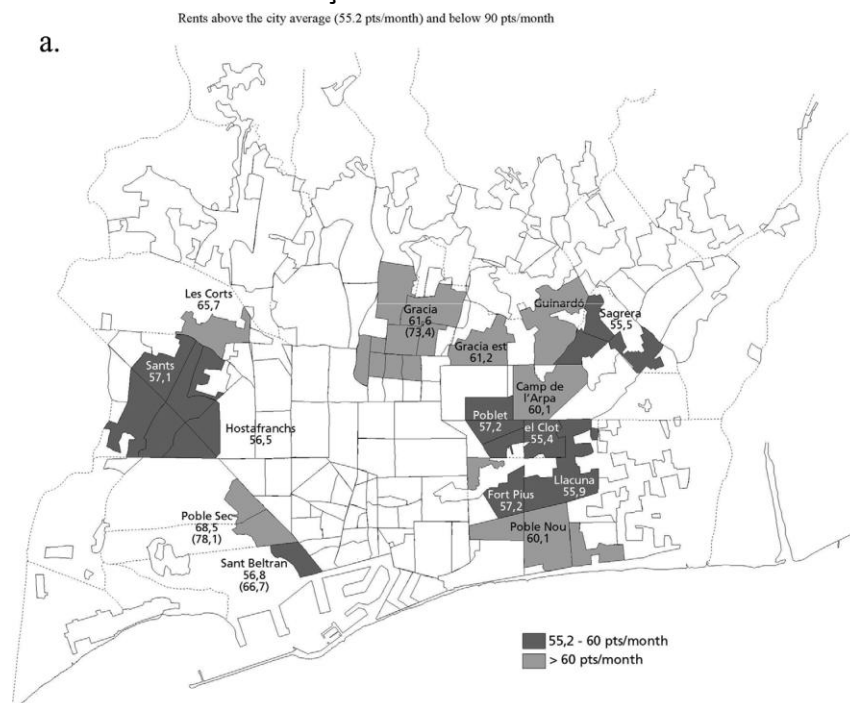


Figura 3: veja a legenda na próxima figura.

O trajeto para o trabalho era também relacionado a rendimento e qualificação: quanto maior o salário, mais longo era o percurso. Trabalhadores qualificados eram os mais dependentes dos bondes. Em termos comparativos eles moravam mais distantes dos seus

²³ Oyón, *La quiebra de la ciudad popular*, cap. 4. As fontes básicas foram os processos de despejo de 1931 a 1936, Archivo Judicial de Barcelona.

trabalhos: mais da metade vivia a mais de 2km de seus locais de trabalho (o percurso era em média de 3km para as nove fábricas em estudo). A caminhada para o trabalho e o uso ocasional do bonde, por outro lado, era a prática diária da maioria dos trabalhadores diaristas (2km), mulheres e aprendizes (menos que 1km). Dada a ausência de indústrias próximas, a caminhada era a prática comum nas segundas periferias-dormitórios, como a análise dos trajetos para o trabalho mostra no caso de La Torrassa²⁴.

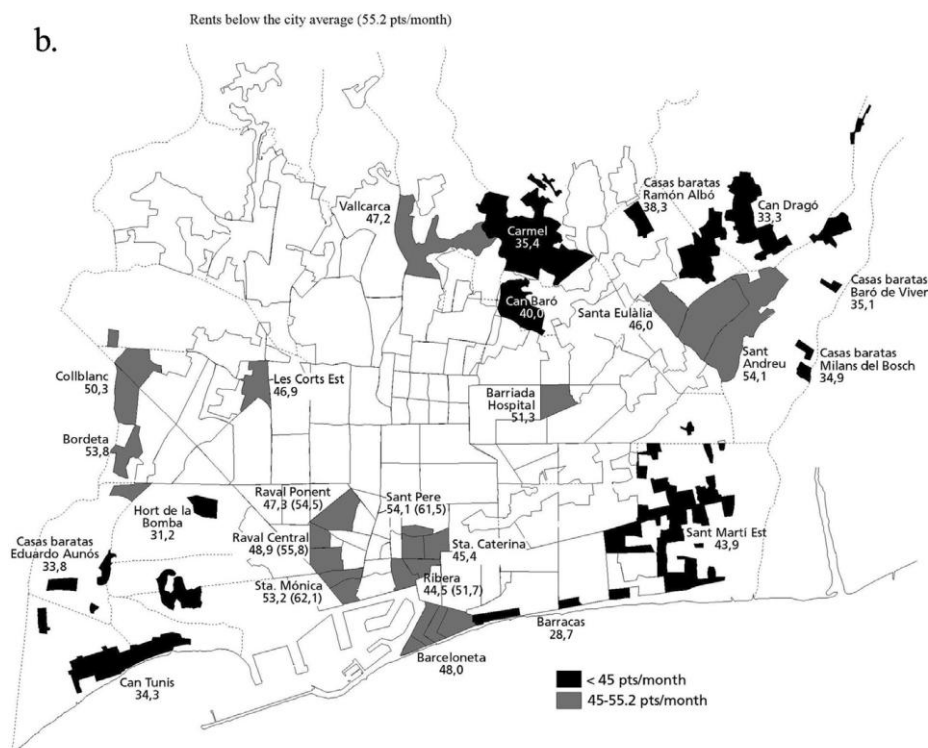


Figure 3: a. A etapa de alta das rendas de habitação operária, 1931–36

b. A etapa de baixa das rendas de habitação operária, 1931–36

Fonte: Archivo Judicial de Barcelona, Libro registro de expedientes de desahucio.

A análise da mobilidade residencial, amizades e relações de parentesco, espaços de namoro e o uso do espaço público nos bairros mostra a sobrevivência de um mundo de proximidade²⁵. Contudo, novamente encontramos diferenças internas conflituosas entre as

²⁴ C. Miralles e J.L. Oyón, 'De casa a la fábrica. Movilidad obrera y transporte en la Barcelona de entreguerras, 1914–1939', em Oyón (ed.), *Vida obrera*; J.L. Oyón e C. Enrech, 'Las diferentes movilidades de un municipio suburbano. Hospitalet y el censo obrero de 1923', em Oyón e Gallardo (eds.), *El cinturón rojinegro*. Comparações cruzadas com outras cidades europeias em Oyón, 'Historia urbana e historia obrera'. Ver também Oyón, *La quiebra de la ciudad popular*, cap. 5.

²⁵ A mobilidade residencial foi estudada nas listas de registros de trabalhadores em várias indústrias, em uma amostragem de dez tratos do censo *padrón* de 1930, nas listas de votação de 1932, no *padrón* de 1940 e em 200 histórias de vida. O estudo dos espaços de namoro foi feito para 1920 e 1934–35 por meio da análise de registros de casamento; o parentesco foi estudado através de reconstituições familiares feitas com os dados do *padrón* de 1930, e as listas de votação de 1932 em sete amostragens de classe trabalhadora de tratos do censo. Para mais detalhes sobre essas fontes, ver Oyón, *La quiebra de la ciudad popular*, cap. 6.

configurações espaciais e os tipos da classe trabalhadora. Trabalhadores qualificados tinham mobilidade residencial menos evidente. Longas distâncias estavam envolvidas quando eles se mudavam e deixavam sua vizinhança original. Entretanto, na nova vizinhança eles poderiam recriar novas redes comunitárias de amizade. Lá eles noivavam e vivenciavam a comunidade do *barrio* de várias maneiras. Em termos comparativos, trabalhadores qualificados eram os mais comunitários e ‘sociáveis’, apresentando maior permanência residencial, e seus parentescos, namoros e relações de amizade eram, no mínimo, tão firmes e próximas quanto as daqueles trabalhadores sem qualificação, que eram mais ligados a seu *barrio*. Sem apresentarem mais mobilidade residencial (mas com mudanças de pequena distância), os trabalhadores catalães sem qualificação mostraram um comportamento comunitário que dificilmente poderia ser diferenciado do padrão do trabalhador qualificado. As maiores lacunas comportamentais nas relações comunitárias de vizinhança foram aquelas dos trabalhadores sem qualificação não catalães. Embora seus padrões de amizade e namoros não parecessem ser diferentes daqueles dos outros dois grupos da classe trabalhadora, eles tinham muito mais mobilidade residencial (com taxas anuais de mais de 20%) e, com exceção daqueles que residiam nas segundas periferias, eles eram menos apoiados em suas redes de parentesco. Às vésperas da Guerra Civil, eles tinham menos oportunidades de fincar raízes sólidas nos espaços da vizinhança. Os subúrbios populares eram os mais estáveis no que se refere ao espaço da classe trabalhadora do ponto de vista da comunidade. Com as taxas de apoio baseadas em parentesco e amizade similares àquelas do Centro Antigo, os subúrbios populares também tinham as maiores taxas de casamentos endógamos. Esses eram igualmente os espaços que ofereciam as melhores perspectivas de longevidade residencial. Na outra extremidade, as segundas periferias eram, em contraste, as mais instáveis vizinhanças da classe trabalhadora e tinham as menores taxas de endogamia. Em compensação, todas as questões primárias de sociabilidade às quais me referi – parentesco, amizade, vizinhança – eram canalizadas por uma intensa vida nas ruas. A rua tornou-se uma extensão necessária da casa, um genuíno *melting pot*^{*} das práticas urbanas.

Muitos dados sublinham a especificidade de estilos de vida cotidianos particulares das várias configurações e *tipos* da classe trabalhadora estudados. Considero essa divisão fundamental. Os trabalhadores recém-imigrantes foram os mais mal acomodados, os mais instáveis residencialmente na mesma vizinhança, os menos apoiados por redes de parentesco, os mais compelidos a um intensivo e não normativo uso do espaço público e os menos relacionados às facilidades da sociabilidade local. Se excluirmos o apoio das redes de parentesco (ainda mais fortes que nos subúrbios populares), essas são as mesmas características que encontramos nas segundas periferias. Em nenhum outro lugar a impressão de isolamento físico e a segregação de ‘comunidades de iguais’ foram mais

* Nota do tradutor: *Melting pot* pode ser traduzido por crisol ou cadinho, que é o recipiente utilizado em experiências químicas para misturar ou fundir substâncias, metais. A metáfora, nesse caso, pouco usual no português, refere-se a um espaço propício às misturas sociais.

evidentes. Aluguéis baratos e as piores condições urbanas (falta de água encanada, rede de esgotos, ruas pavimentadas) também se concentravam lá.

TIPOS E ESPAÇOS DA REVOLUÇÃO

Após o período da Ditadura (1923–30), a central sindical anarquista (CNT) tornou-se novamente a força hegemônica, representando mais que dois terços dos trabalhadores da cidade²⁶. Na década de 1930, a liderança da facção revolucionária *faísta* (a FAI ou Federação Anarquista Ibérica, vanguarda que lideraria a revolução) fomentou a atitude da CNT de abrir oposição insurrecional à nova ordem republicana. A adesão caiu 50% durante os anos republicanos (1931–36). Na nova CNT das vésperas de 1936, que foi ao mesmo tempo menor e mais revolucionária, as segundas periferias apresentaram as maiores taxas de afiliação. Na verdade, se considerarmos a filiação nos três principais setores do trabalho manual em Barcelona – têxtil, metalurgia e construção, representando 52% da adesão – percebemos a completa predominância da CNT nas segundas periferias: para cada trabalhador da UGT (a central sindical socialista mais moderada) havia seis trabalhadores dos três grandes sindicatos anarquistas. Nos subúrbios populares, no entanto, a posição dos cenetistas era muito diferente: para cada trabalhador afiliado à UGT havia somente dois afiliados à CNT. A partir de junho de 1936, a UGT começou a competir com a CNT nesse tradicional espaço operário²⁷. Essa rivalidade latente estava por tornar-se ainda mais evidente durante a Guerra Civil, quando a onda das novas adesões produzidas pelo decreto da afiliação sindical compulsória aumentou o número de ugetistas quase às mesmas cifras que a dos cenetistas. Se se considerar militância em vez de adesão, a imagem é também muito clara. As segundas periferias eram comparativamente os mais densos ambientes residenciais de militância da CNT, com quase quatro vezes o peso da UGT nesses ambientes. Os bairros do centro antigo e os subúrbios populares apresentavam, entretanto, uma situação mais balanceada. O quadro torna-se ainda mais claro se incluirmos militantes expressivos nos municípios circunvizinhos, onde a massa de militantes da CNT morou nas novas vizinhanças criadas no período entreguerras²⁸.

²⁶ Vega, *Entre revolució i reforma*, 139-40.

²⁷ Dados sobre as várias seções da CNT *Sindicato Único de la Construcción* e sobre o mesmo ramo da UGT foram tirados do Archivo de la Guerra Civil de Salamanca (AGCS), Político-Social (PS) Barcelona, Carp. 1321, 1322, 1431, 1434, 1454, 371, 1515; no setor metalúrgico: *ibid.*, Carp. 1372, 1186; nos têxteis, principalmente em *Ram dell'Aigua*, *ibid.*, Carp. 526, 857, 895, 902.

²⁸ Tomando 100 como a média da cidade, a taxa de *cenetistas* versus *ugetistas* nas segundas periferias foi 133 versus 36, 128 versus 101 nas vizinhanças densificadas do centro antigo e 93 versus 94 nos subúrbios populares. Os números referem-se a centenas de militantes bem conhecidos (militantes dos *comités de relación*, seções de ofício ou seções quartas (*barriada*) – geralmente envolvendo áreas trabalhadas pela AGCS, PS Barcelona e M. Iñiguez, *Esbozo de una Enciclopedia Histórica del anarquismo español* (Madrid, 2001); e M T. Fernández de Sas e P. Pagés (coord.), *Diccionari biogràfic del moviment obrer als Països Catalans* (Barcelona, 2000). Sobre a hegemonia da CNT nas cidades adjacentes, ver: D. Marín, 'Anarquistas y sindicalistas en L'Hospitalet. La creación de un proyecto de autodidactismo obrero', em Oyón e Gallardo (eds.), *El cinturón rojinegro*; D. Marín, 'De la llibertat per coneixer al coneixement de la llibertat', Universidad de Barcelona Ph.D.

As segundas periferias, conseqüentemente, não eram somente espaços urbanos de maior adesão à CNT, mas também aqueles das mais ativas militâncias. Exemplos desses redutos cenetistas foram numerosos, desde La Torrassa, La Colònia Castells ou La Trinitat, até os quatro conjuntos habitacionais Casas Baratas. Entretanto, cenetistas e ugetistas compartilhavam extensas áreas da cidade, no centro antigo ou nos subúrbios populares. Embora a CNT fosse forte nas vizinhanças mais proletarizadas do centro antigo, como o Barrio Chino ou La Barceloneta, essa força tendia a diminuir nas áreas do norte de El Raval. Os cenetistas também dominavam extensas áreas na maioria dos subúrbios populares de trabalhadores, como El Clot e El Poble Nou, mas eles eram muito mais rigorosamente rivalizados com os ugetistas nos subúrbios com maior mistura social, como Poble Sec ou Gràcia. Em 1936, o papel dos subúrbios populares como fortalezas exclusivas da CNT (o espaço numericamente mais importante da classe trabalhadora de Barcelona) foi enfraquecido pela competição crescente de outros sindicatos e tendências políticas mais moderadas.

Altas taxas de trabalhadores sem qualificação e recém-migrantes entre os membros da CNT explicam por que o principal reduto da CNT foi o gueto migrante-proletário. Essa é a principal conclusão que pode ser esboçada quando os afiliados dos sindicatos de um número significativo de setores industriais são estudados, nome por nome, no *padrón* de 1930. Os cenetistas eram trabalhadores sem qualificação em maior proporção que os ugetistas em setores como a metalurgia, a construção, papel, artes gráficas e possivelmente transportes. Com exceção dos têxteis, sua origem reside fora da Catalunha em mais de dois terços dos membros estudados, que normalmente pertencem a famílias que chegaram à cidade nos vinte anos anteriores (a mesma conclusão pode ser esboçada pelo estudo das municipalidades circunvizinhas de Santa Coloma, Sant Adrià e El Prat). Taxas de co-habitação e analfabetismo eram o dobro das dos associados à UGT. Uma análise dos líderes e militantes sindicais mostra a mesma tendência, um contraste que se torna especialmente significativo ao comparar cenetistas e *treintistas* radicais (o grupo dos mais moderados cenetistas que se separou da CNT no início da República) (ver quadro 1). Os militantes da CNT eram predominantemente homens, e três quartos trabalhavam como *jornaleros* sem qualificação²⁹. Imigrantes não catalães eram super-representados entre essa militância:

thesis, 1995; D. Marín, *Clandestinos. El Maquis contra el franquismo, 1934–1975* (Barcelona, 2002); J.J. Gallardo, *Revolució i Guerra en Gramenet del Besós (1936–1939)* (Santa Coloma de Gramenet, 1997); J.J. Gallardo, 'La acción libertaria en el origen de una ciudad dormitorio', em Oyón e Gallardo (eds.), *El cinturón rojinegro*; J. Andreassi, *Libertad también se escribe con minúscula. Anarcosindicalismo en Sant Adria` (1926–1939)* (Barcelona, 1996); D. Ballester, 'La bipolarització sindical durant la guerra civil. El cas de Santa Coloma de Gramenet', *A gora*, 8 (2003), 165–76. Sobre a rara significância da UGT em El Prat de Llobregat, ver S. Bengoechea e M. Renom, 'Vells i nous espais de pràctiques sindicals i polítiques al Prat del Llobregat, 1917–1939', in Oyón e Gallardo (eds.), *El cinturón rojinegro*, 303–32, 314–17; S. Bengoechea e M. Renom, *Memòria i compromís. Classes treballadores i política al Prat de Llobregat (1917–1979)* (Barcelona, 1999), 68–74.

²⁹ Estudei 400 militantes que ocupavam posições em vários ramos sindicais ou eram figuras significativas pela virtude de suas atividades militantes. A maioria deles era militante da CNT, mas 90 *ugetistas* e 35 *treintistas* também estão incluídos, e por isso esses dados devem ser considerados com cuidado.

quase dois terços dos militantes eram nascidos fora da Catalunha. Por outro lado, os militantes da UGT e os *treintistas* (membros dos SS.OO. ou Sindicatos de Oposição à CNT) eram mais propícios a ser trabalhadores qualificados que os cenetistas, apresentando uma notável proporção de trabalhadores administrativos, além de serem geralmente nascidos na Catalunha. Essas diferenças eram também refletidas em seu estilo de vida: analfabetismo, co-habitação e superpopulação eram mais evidentes entre os militantes da CNT que entre os da UGT e SS.OO.; e, enquanto a CNT usava as segundas periferias e, em menor grau, algumas vizinhanças do centro antigo como seu principal ambiente residencial, a UGT usava o Eixample e os subúrbios populares³⁰.

A importância de um meio que fez os novos *barrios* nos limites da cidade o lugar propício para o crescimento do anarquismo e direcionou os trabalhadores migrantes para o coração da CNT revolucionária é ainda mais impressionante se levarmos em conta a localização geográfica dos anarquistas mais politizados e radicais, ou seja, a militância da FAI e das Juventudes Libertárias (JJ.LL., os jovens *faístas*). As segundas periferias eram de fato o principal reduto do radicalismo revolucionário. A afiliação aos grupos de afinidade da FAI foi 2,4 vezes maior nesses locais do que seria esperado com base na população trabalhadora residente³¹. As adesões no centro antigo foram em consonância com a média da cidade, enquanto a adesão nos subúrbios populares foi 22% menor que o esperado (ver figura 4). Oito em cada dez *faístas* encontrados no *padrón* de 1930 eram trabalhadores sem qualificação e viviam em família ou eram chefes de famílias não originalmente catalãs (mais de dois em cada três militantes nasceram fora da Catalunha). Dos militantes, 80% foram para Barcelona após 1911, e seu tempo médio de residência na cidade era de 13 anos. Os jovens *faístas* da JJ.LL. tinham uma distribuição territorial pela qual os *barrios* longínquos também se destacavam³². No início de 1937, o único espaço da classe trabalhadora no qual a presença da juventude libertária foi destacadamente maior que a média da cidade foram as segundas periferias, com o dobro da média de Barcelona. De toda a juventude libertária, 40% eram militantes dos centros da JJ.LL. nos *barrios* distantes. A mesma coisa pode ser observada no caso das atividades político-culturais promovidas por esses grupos anarquistas, os *ateneus libertários*. A lista dos ateneus de 1936 mostra que um terço dos 50 centros era localizado nos mesmos bairros periféricos³³.

³⁰ O comportamento eleitoral em várias eleições republicanas mostra uma conduta específica das segundas periferias, que se abstinham mais que as outras regiões de trabalhadores e mostravam maior apoio para partidos políticos como o *Extrema Izquierda Federal*, uma organização política que procurava defender muitas bandeiras cenetistas.

³¹ AGCS, PS Barcelona, Actas de la Federación Local de Grupos Anarquistas de Barcelona, 1937 e 1938, Carp. 1.307, contém diversas informações sobre 150 grupos e mais de 700 militantes. Havia mais de 1.000 militantes *faístas* no final de 1936.

³² Dados trabalhados a partir de representantes na Assembleia JJ. LL., de março e maio de 1937: AGCS, PS Barcelona, Carp. 120. Cerca de 7.000 jovens libertários da região de Barcelona foram representados no Congresso Regional de junho de 1937; ver também Carp. 1.348.

³³ Sobre o *ateneus* fundado naqueles anos na região de Barcelona, ver Navarro, *Ateneos y grupos ácratas*; P. Solà, 'La base societaria de la cultura y de la acción libertaria en la Cataluña de los años treinta', em B. Hofmann, P. Joan e M. Tietz (eds.), *El anarquismo español y sus tradiciones culturales* (Madrid and Frankfurt,

Quadro 1: Líderes e militantes da CNT, UGT e SS. OO. 1930-36 (%)

	Média de idade (anos)	Trabalhadores qualificados	Trabalhadores em cargos de gerência	Catalães	Não catalães	Famílias nucleares	Coabitação	Membros da família	Índice de analfabetismo
CNT	30.3	19.2	7.0	35.1	64.9	48.3	44.4	6.0	20.2
UGT	33.7	23.1	25.6	58.6	41.2	49.4	27.8	5.3	3.9
SS.OO.	34.7	32.4	14.3	64.7	35.3	67.8	21.9	4.5	0.0

Fonte: Fernandez de Sas and Pagès (coord.), Diccionari biogràfic; Iñiguez, Enciclopedia histórica; AGCS: the UGT and SS.OO. militants' names come from lists kindly provided by Eulàlia Vega and David Ballester.

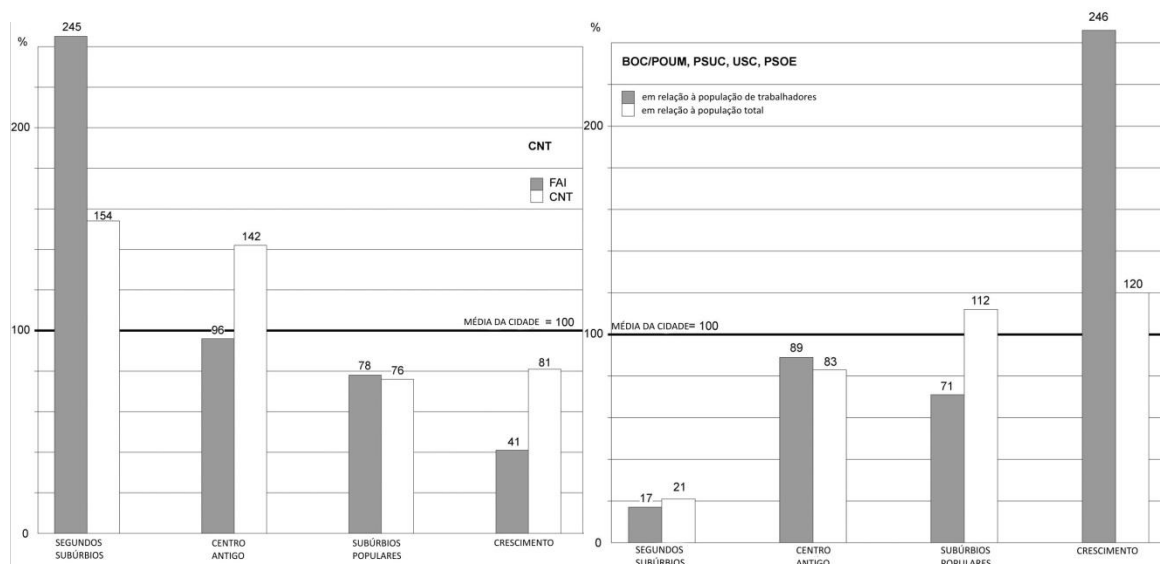


Figura 4: Localização residencial de anarquistas em circulação, os militantes socialistas e comunistas nas diferentes etapas urbana, 1930-1936.

Quadro 2: líderes e militantes anarquistas, socialistas e comunistas - perfil social e imigrante e habitação, 1930-1936 (%)

	Média de idade (anos)	Trabalhadores qualificados	Trabalhadores em cargos de gerência e não manuais	Catalães	Não catalães	Famílias nucleares	Coabitação	Membros da família	Índice de analfabetismo
CNT	30.3	19.2	7.0	35.1	64.9	48.3	44.4	6.0	20.0
FAI	29.0	12.6	6.3	32.6	67.4	48.0	50.0	5.9	21.4
BOC-POUM	25.3	28.9	51.1	80.0	20.0	58.3	19.4	5.6	0
PSUC	28.1	28.6	47.1	78.8	22.2	60.1	23.4	5.1	0
USC	31.9	23.0	88.2	92.5	7.5	50.0	32.3	5.8	0
PSOE	42.6	25.8	57.5	63.1	36.9	65.8	19.5	3.6	0

Fonte: Fernandez de Sas and Pagès (coord.), Diccionari biogràfic; Iñiguez, Enciclopedia histórica; and AGCS, PS Barcelona.

1995), 361-75 e Appendix; P. Solà, *Éducació popular i comunisme llibertari al medi urbà: una mostra d'ateneus de l'àrea barcelonina*, em *IX Jornades d'Història de l'Educació als països Catalans, 1918-1936* (Barcelona, 1987), 405-21; P. Solà, *L'ateneisme àcrata durant la segona república*, *L'Avenc*, 11 (1977), 69-73; P. Solà, *Els ateneus obrers i la cultura popular a Catalunya (1900-1939): l'Ateneu Enciclopèdic Popular* (Barcelona, 1978), App. II; minha lista do *ateneos* também inclui *ateneos* retirados de outras fontes, como AGCS, PS Barcelona, Carp. 1.307 e 921; AGCS, Recuperação, documento 3, e Libro de Detenciones, caixa 46.

Por outro lado, o perfil socioespacial dos militantes proeminentes dos partidos políticos não anarquistas de trabalhadores estava no extremo diametralmente oposto. O mapa de Barcelona, desenhado com os endereços dos militantes da filotrotskista BOC (Bloc Obrer i Camperol) e POUM (Partit Obrer d'Unificació Marxista), o socialista nacionalista USC (Unió Socialista de Catalunya), o comunista PSUC (Partit Socialista Unificat de Catalunya), o socialista PSOE (Partido Socialista Obrero Español) e o nacionalista Partit Català Proletari, mostra o epicentro residencial no burguês Eixample, enquanto apenas os subúrbios populares tinham alguma importância. As segundas periferias, por outro lado, formaram um espaço de militantes (ver figura 4)³⁴. De fato, ao comparar espacialmente os militantes anarquistas e outros militantes da classe trabalhadora, descobrimos duas Barcelonas diferentes, uma 'populista'³⁵ e a outra 'radical-anarquista', de características completamente opostas. Estas eram duas Barcelonas, no entanto, com alguns espaços de confluência comuns nas vizinhanças superpopulosas do centro antigo e especialmente nos subúrbios populares, que foram territórios de disputa real da classe trabalhadora. Observações similares podem ser percebidas pela análise das características sociológicas da militância. Quando os militantes desses partidos políticos eram trabalhadores manuais, o que era mais incomum, eles eram predominantemente trabalhadores qualificados e nascidos principalmente na Catalunha. Com exceção do PSOE, imigrantes não catalães eram a minoria. Da mesma maneira, seus padrões socioculturais e seus estilos de vida cotidianos refletiam características que eram mais opostas que confluentes. Não havia analfabetismo, nem a co-habitação de famílias ou superpopulação era tão pronunciada quanto no caso dos militantes da CNT-FAI (ver Quadro 2). A linguagem falada e escrita, como evidenciado na imprensa, encontros e anais, era outro elemento distintivo (a língua espanhola no caso de CNT e FAI, e a língua catalã na maioria dos casos da UGT, partidos políticos socialistas e comunistas e partidos de esquerda catalães).

Dado o significativo radicalismo nas periferias proletárias, sua participação nas principais ações coletivas da década de 1930 não é surpreendente. A primeira ação foi a greve dos aluguéis do verão de 1931³⁶. Ela encontrou acalorados partidários nesses *barrios* (os pedidos de despejos multiplicaram-se em todas as regiões de trabalhadores nos meses de verão, mas a taxa de aluguéis não pagos foi 75% maior nas segundas periferias que nos subúrbios populares e nas vizinhanças da Cidade Antiga). Os quatro conjuntos habitacionais Casas Baratas, que começaram a greve dos aluguéis espontaneamente, na verdade mantiveram-na até 1939. A greve também foi importante em algumas das superpopulosas vizinhanças de migrantes do Centro Antigo, como La Barceloneta. Desde o final de 1933 até o começo de 1935, as segundas periferias foram as protagonistas dos primeiros movimentos

³⁴ A fonte principal foi Fernández de Sas e Pagès (co-ord.), *Diccionari biogràfic*.

³⁵ Sobre o conceito de populismo catalão, ver E. Ucelay-Da Cal, *La Catalunya populista* (Barcelona, 1982).

³⁶ Ver N. Rider, 'Anarquisme i lluita popular: la vaga de lloguers de 1931', *L'Avenc*, 89 (1986), 6–17; N. Rider, 'Anarchism, urbanization, and social conflict in Barcelona, 1900–1932', Lancaster University Ph.D. thesis, 1987, vol. I, 483–97, vol. II, 699–732, 815–38, 873–85, 932–46, 967–74, 988–1007; e N. Rider, 'The practice of direct action: the Barcelona rent strike of 1931', em D. Goodway (ed.), *For Anarchism* (London, 1989), 79–109.

por transporte urbano³⁷. A imagem é igualmente evidente considerando-se as lutas especificamente políticas. Os subúrbios periféricos exerceram papel de liderança no ciclo insurrecional do início da década de 1930, especialmente na rebelião de dezembro de 1933. O epicentro da rebelião na região de Barcelona foi o subúrbio periférico de Collblanc-La Torrassa. Declarou-se o comunismo libertário, e por quatro dias os grupos anarquistas apossaram-se e mantiveram a cidade adjacente de L'Hospitalet³⁸. Foi um prelúdio dos eventos de julho de 1936. Essa radicalização dos espaços periféricos do anarquismo de Barcelona não é surpreendente e poderia ser comparada àquelas das segundas periferias de Madri na década de 1930. De fato, o comportamento político comparativo desses espaços nos anos entre as guerras poderia ser considerado. Se, na Paris do entreguerras, casas próprias e ambientes periféricos da classe trabalhadora mais variados socialmente fizeram um *banlieue rouge* onde políticos marxistas e populistas tiveram um grande impacto, o *jornalero* das periferias de Barcelona criaram um cinturão preto e vermelho³⁹.

O caráter radical das periferias de migrantes foi claramente demonstrado nos meses da revolução. Desde 19 de julho, a ativa presença de muitos dinâmicos comitês de bairros (*Comités Revolucionarios de Barriada*) controlou muitos aspectos do cotidiano, desde a distribuição de comida até o alistamento voluntário de milicianos para defender a revolução na frente de Aragão. Mais de 60% dos jovens milicianos de Barcelona da CNT-FAI na frente de batalha vieram dos bairros migrantes da cidade, seja das vizinhanças superpopulosas do Centro Antigo ou, principalmente, das segundas periferias⁴⁰. Em termos relativos, as segundas periferias possuíam o dobro da média de milicianos anarquistas de Barcelona. Enquanto as antigas vizinhanças superpopulosas recrutaram 40% mais milicianos anarquistas que a média de Barcelona, os subúrbios populares recrutaram muito menos que a média. O mapa dos milicianos no que se refere ao resto dos trabalhadores e às organizações políticas populares foi novamente de diferença evidente daquele dos cenetistas⁴¹. A hegemonia dos jovens milicianos anarquistas nas segundas periferias era incontestável: de cada quatro milicianos residentes nas periferias da cidade, três eram anarquistas e apenas um vinha de organizações políticas não anarquistas. Por outro lado, equilíbrio era a regra nos dois outros espaços da classe trabalhadora. A principal

³⁷ Archivo Transportes de Barcelona, Caixa 5557, *Recortes de prensa sobre la concesión Torner*, 1933–34; *Las Noticias*, 9 Nov. 1934; *El Noticiero*, 28 abril de 1934, *El Diluvio*, 17, 20 e 29 out. 1933.

³⁸ J. Peirats, *LaCNTen la revolución española*, 3 vols. (Paris, 1971), vol. I, 78; memórias consultadas, gentilmente cedidas para o autor por Dolors Marín dos documentos pessoais de José Peirats, 38–9; J. Camós, *L'Hospitalet, l'història de tots nosaltres, 1931–1936* (Barcelona, 1986), 76–8; Marín, *Clandestinos*, 195–201.

³⁹ Juliá, *Madrid, 1931–1934*, capítulos 2 e 6. Há numerosos estudos sobre *banlieue rouge* periferia de Paris: J.-P. Brunet, *Saint Denis, la ville rouge* (Paris, 1980); A. Fourcaut, *Bobigny, banlieue rouge* (Paris, 1986); T. Stovall, *The Rise of the Paris Red Belt* (Berkeley, 1990); A. Fourcaut (sous la direction de), *Banlieue rouge 1920–1960* (Paris, 1992); J. Giralut (dir.), *Ouvriers em banlieue, XIXe–XXe si`cles* (Paris, 1998); A. Fourcaut, *La banlieue en morceaux* (Paris, 2000);

⁴⁰ C. Calvo e J.L. Oyón, 'Milicianos anarquistas de Barcelona: inserción geográfica y perfil social', in Oyón e Galalrdo (eds.), *El cinturón rojinegro*.

⁴¹ ANC (Arxiu Nacional de Catalunya), Fondo Generalitat, Defensa-Guerra Civil: payment certificates of the *Comité Central de Milicias Antifascistas*, rolos 223–69.

característica dos milicianos era seu perfil migrante e sem qualificação profissional: dois terços das famílias de milicianos anarquistas de Barcelona eram chefiados por homens não catalães que chegaram a Barcelona após 1910, o que é duas vezes maior que a taxa média esperada. A superpopulação e a co-habitação eram claramente maiores entre essas famílias que o usual nos distritos de trabalhadores em Barcelona. As vizinhanças mais desfavorecidas, onde havia maior penúria em todos os níveis, eram aquelas que mantinham os maiores números para várias colunas anarquistas. As periferias do entreguerras, os redutos do anarquismo radical, também sofreriam a maior repressão após o chamado *Els Fets de Maig* (os eventos de maio) de 1937, quando as realizações revolucionárias do “Breve Verão da Anarquia”⁴² foram suspensas. Foram elas as áreas que, conseqüentemente, preencheriam os cárceres de Barcelona com prisioneiros do governo republicano até quase o fim da Guerra Civil. Na verdade, os residentes das segundas periferias eram mais que o dobro da taxa média esperada, e seus perfis sociais e de trabalho se coadunam com as características do mundo radical a que me refiro⁴³. O ato final da tragédia, quando as tropas fascistas entraram em Barcelona em janeiro de 1939, seria a eliminação de toda a forma de resistência. Dos cenetistas executados no *Camp de la Bota* ao final da guerra, 71% eram trabalhadores migrantes não-catalães, nascidos quase exclusivamente, como os milicianos anarquistas, em famílias não catalãs⁴⁴.

EPÍLOGO

Em conclusão, os trabalhadores sem qualificação recém-migrados e os bairros onde essa classe trabalhadora foi predominante, as segundas periferias, e secundariamente, alguns bairros superpopulosos do Centro Antigo, foram os protagonistas-chave do radicalismo revolucionário (e depois, os *Els Fets de Maig*, os reais perdedores). A figura do migrante anarquista radical foi ignorada pela historiografia populista das décadas recentes. A maioria dos migrantes cenetistas chegou à cidade na última onda migratória que foi deflagrada pela Primeira Grande Guerra. Entretanto, é preciso dizer que em média os migrantes anarquistas no entre-guerras raramente já eram politizados antes da chegada a Barcelona. Se é verdade que os imigrantes afiliados à CNT que estudei no *padrón* de 1930 e os militantes, os líderes da CNT e da FAI e os jovens milicianos libertários, pertenciam na maioria dos casos à onda migratória mais recente, eles todavia tinham vivido na cidade entre dez e 15 anos. Como eles eram todos relativamente jovens no período de 1930 a 1936, é óbvio que a maioria deles chegou ainda criança ou adolescente e, portanto, ouviram falar sobre a CNT ainda jovens e possivelmente uniram-se ao sindicato anarquista quando ainda

⁴² H.M. Enzensberger, *El corto verano de la anarquía* (Barcelona, 1977).

⁴³ AGCS, PS Barcelona, Carp. 11, 365. Um total de 250 prisioneiros foi registrado em duas longas listas (setembro de 1937 e verão de 1938), no *padrón* de 1930.

⁴⁴ Encontrei em parte do *padrón* de 1930 os dados familiares de 55 *cenetistas* informados por J.M. Solé e J. Villarroya, *La repressió franquista a Catalunya, 1938–1952* (Barcelona, 1988), 152–4, 244–5, 262–5, 352–82.

começavam a trabalhar em Barcelona (o que é confirmado em muitas biografias). Com a exceção de alguns trabalhadores mais velhos que se uniram ao sindicato nos anos dourados da CNT, ao fim da Primeira Grande Guerra, a maioria dos trabalhadores tornou-se filiada a partir de 1930, quando eles já tinham adquirido alguma experiência no mundo do trabalho da cidade. Ao contrário dos trabalhadores catalães que eram qualificados e decidiram se unir a outros sindicatos ou partidos políticos em taxas mais altas, os trabalhadores migrantes não catalães sem qualificação consideraram mais atrativa a radicalizada CNT dos anos 1930, a FAI e a JJ. LL. Como Juan Suriano assinalou em relação a Buenos Aires na virada do século, o anarquismo radical forneceu a linguagem política da miséria e da insatisfação para trabalhadores imigrantes que estavam frustrados em seus desejos de ascensão social. O aumento real dos salários (e a repressão) gerou o declínio anarquista na Buenos Aires do entreguerras. O aumento real dos salários no final da Primeira Grande Guerra e durante os anos republicanos afastou do anarquismo radical dos anos 1930 um número não insignificante de trabalhadores qualificados de Barcelona (embora certamente menos que no caso da Argentina, já que o aumento não foi tão substancial). Esses trabalhadores de Barcelona viram em outras opções da classe trabalhadora, no *catalanismo* ou em um comportamento mais passivo, posições que estavam mais harmonizadas com o que eles percebiam como um padrão de vida melhor⁴⁵.

A determinação do sujeito social e os espaços urbanos do radicalismo anarquista em Barcelona são ferramentas úteis para reexaminar as visões convencionais sobre a revolução de 1936. Em contraste com uma visão sociológica de populismo interclasse do mundo do trabalho no entreguerras e contrariamente a uma análise que negue a existência da revolução na cidade (análise que considera exclusivamente a colaboração das forças populares na Frente Popular antifascista republicana), uma análise socioespacial explica a diversidade das experiências urbanas no mundo urbano, sua fragmentação em diversas camadas com diferentes estilos de vida cotidiana, percepções políticas e padrões de ações coletivas, e o papel revolucionário chave dos trabalhadores migrantes sem qualificação. Deixando de lado a real profundidade da revolução de Barcelona, o 'Breve Verão da Anarquia' de 1936 foi sobretudo uma 'revolução dos pobres', pobres que representavam parte substancial, mas não o total da classe trabalhadora da cidade. Após viver na cidade por dez anos ou um pouco mais, esses trabalhadores imigrantes e suas famílias permaneceram *jornaleros* sem qualificação e ainda viveram sob penosas condições. Em termos mais simples, esses migrantes e essa periferia revolucionária com expectativas reduzidas de ascensão social tinham menos a perder. Em vários aspectos, a cidade deles situou-se no lado oposto da cidade populista. Na verdade, o que se depreende da comparação entre a Barcelona radical anarquista e a cidade do resto dos sindicatos de trabalhadores e partidos políticos não é uma cidade formando uma frente comum contra o fascismo, mas uma *cidade dividida*, tanto do ponto de vista espacial quanto do sociológico. Na realidade, havia uma

⁴⁵ J. Suriano, *Anarquistas. Cultura y política libertaria en Buenos Aires, 1890–1910* (Buenos Aires, 2001); J. Suriano, *Auge y caída del anarquismo. Argentina, 1880–1930* (Buenos Aires, 2005).

real *división* na cidade dos trabalhadores. Não era apenas uma divisão geográfica segregando as segundas periferias dos outros espaços da classe trabalhadora, mas também uma divisão interna no mundo do trabalho de Barcelona entre trabalhadores qualificados e sem qualificação, entre trabalhadores migrantes e nativos. *Els Fets de Maig* foram a expressão final dessas três profundas rupturas produzidas nos anos entreguerras.

Em oposição a uma visão ‘comunitarista’ (ou fortemente sectária) do percurso revolucionário de Barcelona como um simples divórcio entre os líderes anarquistas e uma militância de base traída, como uma divisão entre os comitês e as ‘vizinhanças da classe trabalhadora’ (idealizadas como vizinhanças anarquistas repletas de redes de sociabilidade com comunitarismo denso), uma análise socioespacial mostra que nem toda vizinhança de trabalhadores formava esse tipo de comunidade. Durante a década de 1930 uma composição diferenciada da classe trabalhadora, um distinto estilo de vida cotidiana e um comportamento político divergente dividiram os padrões de ação política de muitos bairros tradicionais da classe trabalhadora (que migraram progressivamente do *cenetismo* radical e tornaram-se mais e mais abertos a outras opções políticas e sindicais) em relação aos subúrbios do proletariado migrante, que estava pronto para lutar por mudanças sociais⁴⁶. Na verdade, as áreas com anarquismo radical mais enraizado – as segundas periferias – foram num sentido estrito as com menores relações de ‘vizinhança’ da cidade: essas foram as áreas com maior mobilidade residencial, com redes de namoros menos densas, com maiores distâncias dos locais de trabalho e as menos equipadas com centros de sociabilidade, o que reforçaria a comunidade. A revolução não foi uma realidade sentida em *todas* as vizinhanças da classe trabalhadora. Não foi um projeto de *todos* os trabalhadores de Barcelona, mas essencialmente de um segmento radical dessa classe, um segmento muito importante, claro, mas não o único. Isso foi provavelmente algo que deve ter sido considerado internamente pelos líderes supostamente traidores da CNT e por muitos membros e militantes que optaram pela colaboração, pelas chamadas de união antifascista e pela progressiva interação na ordem republicana desde os meses iniciais da revolução (obviamente, houve

⁴⁶ Particularmente, gostaria de indicar o livro de Chris Ealham, *Class, Culture and Conflict*, como um minucioso relato documentado do radicalismo *cenetista* em Barcelona nos anos 1930, e especialmente as conexões do radicalismo com o mundo cultural do desempregado. Esse é um livro extremamente valioso que, em oposição à frente historiográfica populista que frequentemente ignora ou condena o radicalismo *cenetista* sem análises mais densas, o apresenta em termos acadêmicos. No entanto, o livro de Ealham também contém algum tipo das visões comunitaristas às quais me referi. Em minha opinião (e esta é apenas uma observação que em nada diminui o enorme valor deste livro), o bairro da classe trabalhadora, que exerce papel fundamental na análise de Ealham, é tratado como o principal suporte material do comportamento político *cenetista*, sem que tenha sido feito um estudo específico de seus mecanismos internos (as redes de sociabilidade comunitaristas que foram supostamente fundamentais no suporte ao *cenetismo*) e sem especificar as diferenças entre as vizinhanças. Apesar de sua explícita intenção de atribuir ao espaço urbano um papel-chave, o estudo de Ealham é limitado a uma geografia imprecisa da cidade. Na verdade, muitas das referências de Ealham ao radicalismo e às ações coletivas contra a ordem republicana referem-se às segundas periferias e às vizinhanças migrantes do Centro Antigo. Um bom livro que apresenta a versão historiográfica da traição da revolução é M. Amorós, *La revolución traicionada* (Barcelona, 2003).

razões externas mais decisivas para deixar de lado a revolução, por exemplo, as dificuldades de continuá-la sob condições de guerra em uma cidade que se tornaria isolada do resto do país, e o improvável prospecto de receber apoio do resto dos países democráticos europeus).

A atitude de incrementar a colaboração mostrada pela CNT durante a revolução e o período da guerra era sinal de que muitos líderes dos comitês superiores, membros mais ou menos “passivos” ou “moderados” (muitos dos quais, sendo “membros de carteirinha”, votaram pela aliança entre a Esquerda Republicana e a Frente Popular), os *treintistas* e reafiliados, e muitos dos ex-radicais convertidos ao realismo pela Guerra Civil, também tinham seus próprios espaços de vida cotidiana e características sociológicas próprias. Os subúrbios da revolução materializaram não somente a divisão na classe trabalhadora e na cidade popular, a separação entre *frentismo popular*, um mundo do trabalho amplo e socialmente misto, e o comportamento radical dos migrantes sem qualificação dos guetos proletários. Eles também expressaram a divisão interna do universo da classe trabalhadora de Barcelona em dois mundos que a explosão urbana tornou explícitos dentro do próprio anarquismo. Este artigo não trata desse mundo *cenetista* mais silencioso, mas muitos militantes corresponderam a esse perfil em vários ramos sindicais, comitês, fábricas e bairros. Eles eram, de certo modo, os seguidores dos anos dourados da CNT em Barcelona, uma cidade partida pela migração e pela explosão urbana do entreguerras, tanto social quanto espacialmente.

Recebido em 15/02/2011

Aceito para publicação em 20/02/2011